



CINEMA

SEMANARIO
CINEMATOGRAFICO

NUMERO 5

PREÇO 1\$00

Na Capa: — Maurice Chevalier, intérprete do filme «O Café do Felisberto».

Redactores: — João Santos e Sousa Martins

Redacção e Administração: Rua do Bomjardim, 436-3.º PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas: Trimestre, 12\$00, Sem. 24\$00, Ano, 46\$00 — Ultramar: Trimestre, 14\$50, Sem. 29\$00, Ano 56\$00.

Administrador e Editor: Eugénio Peres
Comp. e imp. nas oficinas da Empresa AQUILA Rua Duque Saldanha, 312 PORTO

Reri sabia, pois, que, junto daquele a quem o seu coração já acarinhava, outra coisa não tinha que recear senão a sua fraqueza... E já isso era muito com uma rapariga do Sul, inclinada à voluptuosidade como todas as suas iguais!

Mas Reri não queria chegar até ao extremo da sua aventura; desejava uma só coisa: amar, como a lei da ilha o manda a todos e a todas!

Matahi sentia-se já invadido pela cólera e pela paixão. Reri havia de ser dele ou de ninguém! Embora tivesse que a conquistar às lançadas ou a murro!

Ela compadeceu-se, por fim, no esconderijo, daquele que já amava. E soltou no ar azul o seu grito, como um breve apêlo zombeteiro. Dum pulo, Matahi deu meia volta, e a água esparrinhava à sua volta em mil arco-íris. Soltou um «Eihoo!» de vitória: Acabava de ver moverem-se imperceptivelmente as palmas reais.

Em dez braçadas, atingiu a outra margem, rodeou toda a planta com os seus braços; em meio da folhagem, estava Reri, trémula e já vencida...

Seguiu-se então um admirável exercício por parte de todos. Pegando cada um na eleita da sua escolha, os indígenas iniciaram a escalada da cascata. A lenta erosão fizera da passagem das águas uma espécie de gargalo, polido e suave. Eles precipitavam-se por ali com uma velocidade de relâmpago e desapareciam, após onze metros de queda vertiginosa, no abismo de côres de absinto.

Um após outro, numa vertigem de movimento, arriscaram-se àquela acrobacia sob uma duche que parecia cair do céu.

Mas, cansados em breve do ruído e do ajuntamento, Reri e Matahi, subindo o curso do regato, foram conversar ambos, mergulhando as mãos na água. Longe dos outros! Felicidade secreta do primeiro encontro, quando cada frase, cada silêncio, são pesados de coisas inexprimidas e muito agradáveis!

Diziam palavras banais; falavam de coisas simples, que os interessavam, baixavam a voz quando se tratava dos deveres e dos «tabus» que estes lançam. Reri, não sabia bem, visto as crenças variarem de ilha para ilha, o que eram os «tabus» em Bora-Bora. Pediu a Matahi que lho explicasse.

— O «tabu», — disse-lhe êle —, é uma proibição lançada pelos deuses sobre alguém ou alguma coisa. Um lugar é «ta-

Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty

“Tabu”

Apresentada pela “Paramount”

4—(Continuação)

bu» a partir do momento em que os sacerdotes, assim o resolveram; em toda a parte onde se praticou um crime ou se desenrolou um drama, intervem o tabu. Queres alguns exemplos?

«A baía que podes ver daqui através dos ramos é «tabu», embora ali se encontrem pérolas em grande quantidade, porque um pescador, um dos meus amigos, foi lá devorado por um tubarão... Depois disso nunca mais ninguém mergulhou ali.

«Uma mulher, se um feiticeiro o ler nos preságios, pôde ser declarada «tabu» e não tem o direito de se casar ou de pertencer a um homem. E' consagrada ao serviço dos deuses até à morte. Uma cabana pôde ser declarada «tabu» se foi teatro dum adultério: neste caso, será preciso queimá-la, purificar o chão com aspersões e afastar os maus génios por meio de cantos e de danças.

Assim conversava Matahi. Na aparência calmo e alegre. Mas ia-se formando já em sua alma uma tempestade; a fera do desejo cravava-lhe as garras na alma. Não agarrou Reri pela cinta; não a beijou também: nas ilhas não sabem o que é isso! Mas caminharam muito tempo lado a lado e de mãos enlaçadas. Matahi tinha reinido toda a sua coragem. Ele, que era o mais altivo, o mais arrojado de Bora-Bora, não iria perder uma ocasião que lhe seria difícil encontrar de novo! E assim foi insensivelmente escorregando no declive das confissões, dando a perceber a Reri, que disso não precisava para o compreender, que a achava a mais admirável de todas e que seria feliz se pudesse associar a sua vida à duma tam maravilhosa fiôr.

Reri não respondeu e também não corou; mas apertou mais a mão do companheiro, para o qual parecia abrir-se um paraíso. Combinaram encontrar-se muitas vezes, depois do meio-dia, à hora em que os velhos fazem a sesta e os novos remendam as redes esburacadas pelos golfinhos. Nada se opunha a que Reri, rapariga de raça pura, se tornasse esposa de Matahi, considerado entre todos pela sua gloriosa linhagem. Foi entre ambos combinado que Matahi declarasse Reri «tabu» no que dizia respeito às homenagens dos outros mancebos. Desde esse momento, ficara considerada sua noiva; eram-lhe impostos deveres

de fidelidade, a que não se furtou.

As suas companheiras não tinham esperado Reri, como é de presumir, algumas das alegres nãadas, para as quais a liberdade de amar era o primeiro dos bens, tinham-se retirado mesmo, com os seus amigos, para as grutas silvestres... Matahi conduziu, pois, a casa aquela que, desde aquele momento lhe estava prometida; era certo que ela podia falar a seus pais; mas a lei da ilha dispensava aquelas formalidades, e, por isso, tinha pouca pressa em dar a conhecer os seus projectos matrimoniais. E ia adiando sempre a notícia... Que pressa pode haver quando a vida é bela e se tem dezasseis anos?...

Matahi sentia-se invadido duma embriaguez nova e sem limites. Tinha vontade de gritar a sua alegria a toda a natureza, às árvores, ao mar franjado de espuma... E reuniu os seus companheiros, para lhes dizer: «Reri é «tabu» por mim, doravante. Considero-a como minha noiva, e proíbo a quem quer que seja, se tem amor aos ossos, que se aproxime dela!»

Alguns, que admiravam, sem dúvida, a graça bravia da polinésia, sentiram assaltá-los um passageiro pesar.

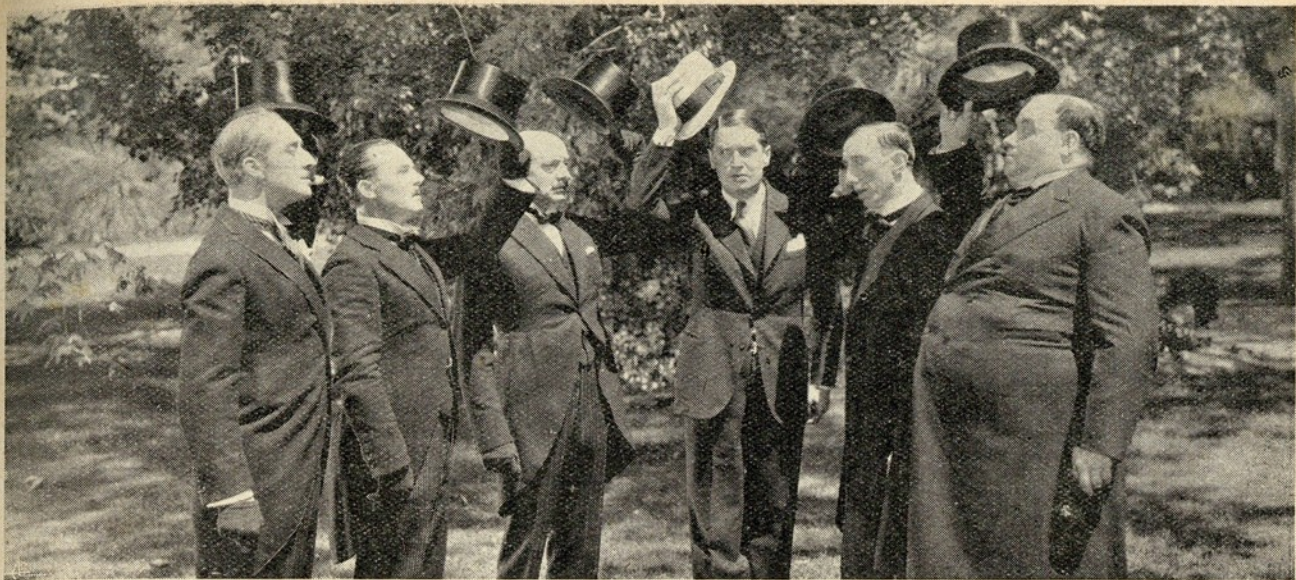
Matahi, porem, era para êles uma espécie de rei. Sabia fazer-se amar e respeitar. Desta forma, aquela notícia foi acolhida com entusiasmo geral por todos os adolescentes, que manifestaram a sua alegria com gritos guturais e danças na areia da praia, longe da tribo...

Daquela forma primitiva, mas eloquente, manifestaram êles que tinham compreendido o sentido da ameaça, aceitando a validade da promessa e a força do facto consumado. Dali em diante, no seu espírito, os dois nomes de Reri e de Matahi ficariam indefectivelmente ligados, e ninguém ousava incorrer na cólera do atleta ou da virgem nem pensava em contrariar um idílio que lançava nos braços um do outro os dois mais perfeitos da tribo.

CAPÍTULO II

O amor de Reri e de Matahi foi um dos mais belos que jamais tinha havido nas ilhas. Era uma paixão ardente, forte, entre dois seres que se equivaliam, pela perfeição dos seus corpos e pela sinceridade das suas almas.

(Continua.)



Maurice Chevalier, nos preliminares do duelo, uma das melhores cenas de «O Café do Felisberto», que os lisboetas já viram, e que o público verá na próxima semana, no «Trindade»

O Cantinho dum Cinéfilo

“Ruas da Cidade”

O cinema tem-me proporcionado momentos agradabilíssimos na minha vida. Primeiro, o relativo entusiasmo que me despertaram, em 1914, as arrojadas peripécias de Kathlyn Williams em «Aventuras de Catalina» ou da malograda Florence Labadie em «O Mistério do Milhão de Dollars»; depois, com o desenvolvimento do espírito e as suas naturais e progressivas exigências, a recepção carinhosa que eu fiz a «Aos Corações do Mundo», de Griffith, e a «O Carro Fantasma», de Sjostrom; mais tarde, «Charlot na Rua da Paz», da «Mutual», em que Charlie Chaplin marcou definitivamente a sua personalidade e o seu valor, que as comédias anteriores da «Keystone» haviam apenas revelado; a seguir, «A Morte Casada», que me obrigou a decorar o nome de Fritz Lang; depois, sucessivamente, «Os Nibelungos», «Amo e Senhor» (uma verdadeira obra-prima de Carl T. Dreyer, que passou despercebida a muitos cinéfilos), «Os 10 Mandamentos», «Metropolis», «A Sinfonia duma Capital», «O Barqueiro do Volga» e «A Hora Suprema». E, nos domínios do fonocinema, «T. S. F.», essa pequena joia de Walter Ruttmann, «Sob os Telhados de Paris», talvez a menos intelectual mas a mais persuasiva das obras de René Clair, «A Oeste, Nada de Novo» e «4 de Infantaria», êsses dois assombrosos trabalhos que me fizeram viver os horrores da Guerra, que eu só conhecia a través do pálido reflexo dos jornais e das obras literárias, pálido mesmo descrito por Remarque ou por Johannsen, em relação à verdade do cinema, e, recentemente, «Matou», em que Fritz Lang firmou no fonocinema as qualidades que o tornaram um dos maiores realizadores fílmicos.

Foram estas, afóra qualquer outro bom filme que agora não possa recordar, as películas que me provocaram os melhores momentos da minha vida de cinéfilo — e só por êles dou por bem empregado o amor, com todos os contratempos morais e materiais inerentes, com que tenho seguido a evolução do cinema.

■ ■ ■

«Ruas da Cidade», que acabo de vêr, não só constitue um dos maiores de entre êsses momentos que deliciaram, na máxima expressão de beleza, a minha alma de artista, de esteta, ou, simplesmente, se assim o quiserem, de apaixonado cinéfilo, como é das que marcam, sulcadamente, uma etapa saliente na história da Cinematografia.

Que distancia percorrida, Santo Deus, numa quinzena de anos! Que futuro enormíssimo continua reservado ao cinema,

êle que mal dobrou ainda a casa dos trinta! E que diferença tamanha já se observa entre «Ruas da Cidade», no apogeu da beleza jovem de toda a sua maravilhosa técnica, e os primeiros fonofílmicos apresentados, que agora nos parecem enrugados, velhos, com os pés de galinha que dois anos de estudo e progresso já lhes criaram!

«Ruas da Cidade» é a revelação do nome de Rouben Mamoulian como realizador fílmico. A direcção deste filme aponta-no-lo como cinéasta de grandes possibilidades, um Mestre que vai ter muitos discípulos... E, a-pesar-de se tratar apenas do segundo filme de Rouben Mamoulian — agora sinto o desejo imenso de vêr «Applause», a sua primeira fita, ainda não apresentada em Portugal — a segurança de toda a construção da obra, o equilíbrio que se verifica da primeira à última cena, sempre no mesmo ritmo de beleza, sem um deslize, sem uma hesitação, mostram claramente que não foi um mero acaso, mas sim uma grande concepção, um desenvolvido intelecto que produziu «Ruas da Cidade».

Rouben Mamoulian — que é russo de nascimento, de muito novo emigrado para Inglaterra e depois para a América, onde se revelou como renovador da encenação teatral — nem por ser de origem russa nos dá neste filme aquelas características que nos mostraram alguns dos filmes russos entre nós exibidos. Tem, é certo, pedaços de verdadeiro Eisenstein — e aquele postigo da cela de Nan, pelo qual se espreita viçosa rama-gem duma árvore, que depois se cobre de neve, voltando em seguida ao viço primitivo, dando-nos assim, com o melhor cinema, a impressão nítida das estações, do tempo decorrido, é puro Eisenstein, e fez-me recordar trechos de «Romanza Sentimental»; tem, na verdade, momentos de autêntico Poudvokine — e os grandes planos das cabeças dos membros da quadrilha, acusando Nan e censurando Kid, após o assassinato do chefe, imagens montadas com extraordinária precisão, é verdadeiro Poudvokine, e fez-me lembrar certas passagens de «A Mãe». Mas «Ruas da Cidade» tem, também, pedaços de Fritz Lang, com os seus símbolos e as suas intenções, tem momentos de Von Sternberg, com o estudo detalhado de certos pormenores, tem quadros de René Clair, como o que se segue ao da visita de Kid a prisão, e em que Nan, deitada na cama, sem conciliar o sono, ouve retalhos da conversa que tivera com Kid, e que tanto a preocupara — analogia com a utilização sonora em «O Milhão», quando se faz ouvir «a voz da Consciência».

(Continua na página 12).

Hollywood

é uma cidade sem Deus?

Não ha muito tempo, um venerável sacerdote romano, predicando num templo de uma cidade puritana, descrevia Hollywood como uma cidade maldita,— uma Sodoma moderna que deveria desaparecer sob o fogo dos céus...

«— Infelicidade, meus irmãos, dizia êle, infelicidade para os pecadores que vivem ali, num luxo e numa ostentação que afastam de si a graça celeste por viverem numa cidade sem Deus...»

Este santo cura de almas estava bem intencionado... Simplesmente nunca se tinha aventurado na cidade do cinema... E' verdade que no dia seguinte êle falava com a mesma convicção do céu e do inferno,— onde nunca tinha posto os pés...

A verdade é que atravessamos uma época em que o que resta de fé nos nossos corações se revela de um modo surpreendente, sem peias de espécie alguma.

Em Hollywood, se bem que isto pese ao bom pastor, existem nos grandes hotéis e nas vilas-palácios das grandes «estrêlas» templos, uma multidão de templos elevados a Deus... Deus sob todas as formas, com todas as caras...

No Natal, na missa da meia noite na igreja católica, apostólica e romana podia-se ver Marion Davies, Sally O'Neill, Anita Page, Zasu Pitts, Norman Kerry... Estava tambem naturalmente Ramon Novarro, o mais famoso católico de Hollywood...

A «Catholic Motion Picture Guild» conta entre os seus membros activos: May Mac Avoy, Thomas Meighan, George O'Brien, Neil Hamilton, Rod La Rocque, Vilma Banky, Nancy Carroll, Antonio Moreno, Jackie Coogan, June Collier, Eric von Stroheim e até Polly Moran, que, incapás de fazer uma escolha definitiva, passa o seu tempo na Igreja católica a ouvir as alocações do grande rabino...

A colónia judaica é menos importante do que se pensa. Charlie Chaplin é o seu mais illustre membro. Norma Shearer e Bebe Daniels, em seguida ao casamento com Irvin Thalberg e Ben Lyon, vieram alongar a lista.

E' preciso tambem citar os membros da «Christian Science Church», que se afasta da religião católica pura pelo simples facto de os dogmas não serem admitidos «à priori», mas sómente depois de discutidos e adaptados à personalidade de cada um. Os adeptos desta seita dedicam-se tam apaixonadamente à metafísica como à teologia. Douglas Fairbanks filho é o mais cotado representante desta seita, onde foi introduzido

Norma Shearer e Anita Page são duas fervorosas crentes. Pelo menos, assim o parecem, a darmos crédito às duas gravuras ao lado...





CLIVE BROOK

há já muito tempo que não aparece nas telas dos nossos cinemas. As nossas cinéfilas estão saudosas do Clive Brook, de quem publicamos hoje a sua mais recente foto, tal como aparece em «Shangai Express», da «Paramount», ao lado de Marlene Dietrich. Feliz Clive ou feliz Marlene?



« O CORAÇÃO MANDA »

é o título dum excelente trabalho de Joan Crawford para a «M-G-M». Aqui a vemos com Ricardo Cortez numa cena do filme. De quem ela gosta, no entanto, em «O Coração Manda», é do John Mack Brown

por sua mãe, a primeira esposa de Douglas pai... O seu casamento com Joan Crawford foi celebrado na igreja católica romana... Mas o amor é o melhor catequizador, e Joan bem de-prensa adoptava a fé de seu marido.

Mary Pickford, católica quando do seu casamento com Owen Moore, entrou para a «Christian Scientific Science» depois do seu divórcio...

Cítemos agora os protestantes...

Os quakers estão em evidente minoria, pois só são representados por duas «estrelas»: Hedda Hopper e Charles Farrell... Dos luteranos, apontaremos Gretha Garbo... Os anglicanos são muito numerosos: Victor Mac Laglen, Esther Ralston, Ronald Colman, Clive Brook...

De um modo geral, os católicos estão em maioria e dão cartas em Hollywood em matéria de religião. Publicam mesmo um magazine hebdomário, sob o patronato da igreja. Veem depois os adeptos da «Christian Science», os anglicanos, os livre-pensadores e os israelitas... Ha sem dúvida também metodistas, os presbiterianistas, os mussulmanos, os budistas, alguns pagãos e bramanes...

Hollywood não é uma cidade sem Deus... Estão ali reunidas todas as raças, — praticam-se quasi todos os cultos... Hollywood é uma Babel de superstições e de crenças, — mas não se esqueçam que todos os caminhos vão dar ao céu!...

muita pena, mas isto assim por grosso, não pode ser. Compre o Didot-Bottin, ou se quizer, como é do seu dever Preferir Produtos Portuguezes, compre o Anuário Comercial. Lá devem estar as direcções que deseja.

E não se zangue, não?

MARIA VAI COM AS OUTRAS: — Não quero responder às suas perguntas, sem primeiramente lhe retransmitir o que a minha avó dizia à minha mãe e a minha mãe dizia a mim: «Livra-te das más companhias... e tem cuidado com os carros!»

Posso dar-lhe a direcção de Arlette Marchal, mas previno-a de que não trabalha presentemente. 44, Rue Nicolo, Paris (XVime). Henry Garat, se bem que presentemente esteja em Berlim, trabalhando na «Ufa», pode escrever-lhe para 64, rue Nollet, Paris (XVime). Mary Glory, 37, rue Pergolèse, Paris (XVime). Queira voltar a fazer-me as outras perguntas, pois só posso responder a 3 de cada vez.

E, sobretudo, não se esqueça daquela recomendação!...

CURIOSO: — Eu desejaria responder-

-lhe com vagar, mas o espaço não permite alongar-me nas respostas concretas que certas perguntas exigem. Vou vêr se consigo explicar-me: «Executives» chama-se aos maiores das diversas casas americanas, aqueles que querem, podem e mandam, no que, principalmente, à produção respeita. Se, como diz, tem lido revistas americanas, terá visto que, referindo-se a «executives», tais revistas só podem indicar nomes dos dirigentes da produção. Por exemplo: Louis B. Mayer e Irving Thalberg na «M-G-M», M. C. Leeve, B. P. Schulberg e Selznick, na «Paramount», Winfield Sheehan e Wurtzel, na «Fox», Carl Laemmle e Carl Laemmle Jr. na «Universal», etc. Se bem que, à primeira vista, esta gente tenha que dar satisfações dos seus actos ao comité directorial que está sentado às esrivatinhas nos escritórios de Nova-York, o que é facto é que, na realidade, eles fazem o que querem em matéria de produção, pois a maior parte deles, quanto trabalhando no Oeste, fazem parte do referido comité e com êle estão em permanente contacto.

Compreendeu?

EU SEI TUDO.

C
I
N
E
M
A
6

Correspondência

Efemérides da semana

20 a 26 de Fevereiro

- Fevereiro 20 (1905) — Nasce em Chicago, Ill. a actriz Florence Gilbert.
 21 (1930) — Realiza-se no «Moulin-Rouge», de Paris, uma festa em benefício do actor Gilbert Dalleu, a quem fôra amputado um braço, após um acidente, quando filmava «Gardiens de Phare».
 22 (1931) — Chega a Paris, vinda de Hollywood, a actriz alemã Marlene Dietrich.
 23 (1921) — Tom Moore e sua esposa Renée Adorée embarcam em S. Francisco para Honolulu, onde vão passar a lua de mel.
 24 (1885) — Nasce em New-York o actor Bert Lytell.
 26 (1925) — Morre em Nice o realizador francês Louis Feuillade, que dirigiu «A Orfã», «Barrabás», etc.

A cena passa-se num restaurante nocturno. A uma das mesas está sentado um estúrdio, muito carregado, parecendo dormir diante duma garrafa de champanhe, de cabeça agüentada na mão esquerda. Na mão direita segura um enorme charuto. De repente, ergue a cabeça e pergunta ao chefe da mesa:

— Em quanto importa o champanhe?
 — Em quinhentos e noventa, senhor.
 — E o café é ainda a sessenta e sete?
 — E' sim, senhor, — respondeu o homem.

O estúrdio continuou, depois de encomendar batatas fritas:

— Pouca gente sempre, hein?
 — E' uma coisa que se não percebe, — respondeu o chefe da mesa. Já mudamos o nome da casa, na esperança de atrair clientela. Chamamos-lhe agora «American boni-boni» e não vem viva alma.

— E' talvez por isso, — exclamou sentenciosamente o estroina. Ainda bem que me tem por cliente. Eu cá sou fiel!

E o ébrio estendeu ao chefe uma moeda de cinquenta centimos. Este resmungou:

— Clientes como este dispensavam-se bem! Não são as gorgetas que os arruinam!

E afastou-se com dignidade, enquanto o cliente murmurava:

— Não sei o que sinto; o que sei é que tenho vontade de chorar ou de...

Pos-se a bocejar e calu sobre uma mesa, de cabeça deitada para trás, olhos no tecto. Começou a dormir. Nesse momento o chefe trazia as batatas fritas e notou que o pândego tinha adormecido.

— E está a dormir... Ai o gajo! Ai tem as batatas, ó coisa!

E apontando-o ao moço, acrescentou:

— Vê lá em que estado se encontra o único cliente da casa!

Foi então que o moço teve uma ideia. Deitou no pescoço do dorminhoco um pó desagradável, que lhe devia produzir uma comichão terrível nas costas. Era um gracejo de mau gosto. Chegaram então alguns noctívagos, e o chefe correu para eles.

— Onde nos sentamos? — perguntou um.

— Em qualquer parte, — disse a conpanheira.

— A freguezia é boa! — exclamou outro.

O chefe formalizou-se:

— Ainda é cedo. Geralmente veem mais tarde.

Os recém-vindos pediram champanhe e discutiram as novas danças.

Todas que propunha o chefe da orquestra eram já conhecidas dos clientes. O que eles queriam era uma dança inédita.

— E principalmente muito complicada, para que nem toda a gente a possa dançar, quando não...

— Devia ser proibido dançar as nossas danças nos bailes populares; isto descredita-as.

Um cantor pôs-se a entoar um ríman-

Ohé! Ohé!

ce e toda a gente o ouvia com atenção, quando o dorminhoco acordou, sacudido pela voz poderosa do tenor. Agitou os ombros, estorceu o pescoço desarticulando-se todo com a comichão. Os comensais não tiravam os olhos dele, e o cantor mostrava-se contrariado. Agora o estúrdio, de pé, saracoteava-se todo, com grande gáudio do garoto. Os outros clientes, cada vez mais interessados, levantavam-se para ver melhor.

— Se eu soubesse quem foi o malandro que me fez esta partida... — dizia o ébrio.

Mas todos o rodeavam agora, formando roda.



Uma cena do filme «Ohé! Ohé!»

— Não ha dúvida —, afirmou uma das damas —, é uma dança completamente nova.

— Também era tempo, — comentou um camarada —, o *black-bottom* já passou de moda.

— Mas era preciso saber como se chama, — indicou um deles.

— E' questão de perguntar, — disse outro.

Mas o ébrio vociferava insultos com voz tam rápida que ninguem o entendia e os assistentes julgaram perceber que se tratava duma dança inglesa importada recentemente em França e exclamaram: «Ohé! ohé!», como pessoas que queriam à força aprender a dança da moda.

O rímance, que todos entoaram, não se recomendava pela sua inspiração. Valia o que valem todas as larachas que a gente grama após algumas taças de champanhe. Ai vai, a título de curiosidade:

*Foi criada agora uma dança nova
 Ohé! ohé!
 E' coisa alegre e chique, oh! se é!
 Estamos assim à prova,
 E, embora ninguem o creia,
 Não ha outros em Paris,
 Bis! bis!
 Que como nós dancem a Coreia!*

Como é natural, o chefe de mesa e o moço juntaram-se ao côro.

René Koval

O alegre estroina de «Ohé! Ohé!» é um cómico de grande talento, que havia muito não fazia arte cinematográfica, mas que já demonstrou grandes qualidades. René Koval, pela sua distinção e fleuma anglo-saxónica, conseguiu verdadeiros triunfos em papeis de americano nos Bouffes-Parisiens. E' uma aquisição excelente, sob todos os pontos de vista, que acaba de fazer a «Paramount». Koval ha-de ser estimado pelos seus camaradas de «estúdios» como o era pelos da cena. E' um homem que nunca recusa o seu talento e o seu tempo aos artistas infelizes. E' alem disso um inteligente amator de arte, um apaixonado pelo teatro, venerando os seus antepassados e rodeando-se das preciosas reliquias da sua história. Nos Bouffes-Parisiens, Koval transformara o seu camarim num museu de arte dramática.

Vimo-lo ha pouco no papel de «pastor» em «Rato de Hotel», e vê-lo-emos em «Ohé! Ohé!», um *skatch* falado e cantado em francês, com «O Café do Felisberto», na próxima semana.

Nesta semana fazem anos: I

20 a 26 de Fevereiro

- Fev. 20 — Florence Gilbert (27).
 22 — Marguerite Clark (45).
 22 — Lew Cody (47).
 22 — James Kirkwood.
 23 — Victor Fleming, (realizador).
 24 — Bert Lytell (47).
 25 — Helen Jerome Eddy.

OHÉ! OHÉ!

Sketch de Rip, realizada por Mercanton

Produção da «Paramount»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Koval O Boémio
 Jean Mercanton. O Groom
 Robert Tourneur O Gerente

Roberto, irmão

Ha qualquer coisa que ocultamos aos nossos leitores. Um segredo que contávamos guardar para nós, mas chegou o momento de dizer a verdade. E a verdade é esta: Ha cinco anos e meio, quando recebemos em *Ciné-Miroir* Jackie Coogan, ficamos admirados por ele se não fazer acompanhar de seu pai e de sua mãe. A mãe estava ausente. E, como lhe perguntássemos a razão, disse-nos que ela esperava um irmãozinho de Jackie, e que tinha receio dos apertos da multidão.

Agora que os nossos leitores conhecem o segredo, podemos anunciar-lhes que Roberto, o irmão de Jackie, está bom de saúde, e, para provar que assim é, de facto, entendeu ele que o melhor processo era tomar parte num filme, como seu irmão mais velho. Dizem-nos agora, com efeito, que Roberto Coogan já se estreou num filme, da mesma idade que tinha seu irmão. Desempenhou com muita graça um papel numa fita intitulada *Skippy*, e este nome, que significa saltador, passou a designar Roberto Coogan, o que dá indicação do carácter da criança.

Quando se olham de perto os dois irmãos, reconhece-se que o mais novo, Roberto, possui talvez mais graça, mais encanto que o mais velho, e que tem o olhar intensamente dramático, franco, luminoso, que constituía o sucesso de Jackie. Nunca se viu, de facto, no *écran*, uma criança que mostrasse tanta humanidade como Jackie Coogan. Nas maiores dificuldades, conservava uma calma imperturbável e era essa calma que, no *Kid*, opondo-se ao nervosismo de Charlot, tocava profundamente o coração dos espectadores. Roberto é mais jovial que Jackie; foi por isso que lhe deram o nome de saltador; e é mais travesso que Jackie, não tem a sua gravidade pensativa; os papéis que lhe distribuem são, por isso, menos dramáticos e menos humanos.

O que é curioso notar na família Coogan, composta de pai, mãe e dois filhos, é que, sendo todos artistas do *écran*, podem formar um conjunto um pequeno grupo. Seria in-



de Jackie

teressante tentar a experiência e fazer trabalhar os dois irmãos no mesmo cenário. Já pensariam nisso? Já o fariam? Mas por enquanto é prematuro falar no talento de Roberto Coogan. Limitemo-nos a Jackie, que desde o seu início no *Kid*, junto de Charlie Chaplin, que o descobriu, desempenhou muitos outros papéis.

É conhecido especialmente o êxito que ele obteve no *Olivier Twist*. Num papel de pobre rapaz martirizado, demonstrou qualidades de observação absolutamente inacreditáveis na sua idade.

Noutro filme, *Va petit Mousse*, desempenhou o papel dum *groom* de transatlântico com segurança espantosa. No *Rappel*, Jackie mostrou-se um perfeito *gentleman*. No *Alerte*, foi um clarim cheio de vigor, de pulmões sólidos.

Aprendeu o francês e o alemão para desempenhar filmes falados e afirma-se que não se arrependeu do dia em que, no filme *Jackie, jockey*, teve de cortar o cabelo, que na infância lhe atraía tantos admiradores e admiradoras.

A operação fez-se quando tinha onze anos. Para aquela transformação física, Jackie recebeu nada menos de três mil propostas de cabeleiros, mas foi preferido o mestre da tesoura que já tinha cortado os cabelos da avó e da mãe do jovem artista.

Oito máquinas registaram esta operação sensacional.

JACQUES BERNIER.

(Tendo sido traduzido de «Ciné-Miroir», conservamos neste artigo os títulos dos filmes a que aquele nosso colega francês faz referência).

Os mesmos olhos, o mesmo nariz, a mesma boca, tudo indica claramente que Robert e Jackie, — Coogan, de apelido — são irmãos.

Nota do legendista;

Não são gémeos.

~ Maridos e Mulheres ~

O amor, em Hollywood, parece ser uma coisa sem importância alguma... Querem ver?

Ouçam esta anedota: quando se divorciava pela quarta ou quinta vez, uma atriz de fama foi interrogada pelo respectivo juiz, que lhe perguntou o nome de todos os seus anteriores maridos. A pobre mulhersinha ficou muito surpreendida, — pois já não se lembrava daqueles nomes todos... E disse ao juiz: «Vai fazer-me um exame de memória?!...»

Ora aqui está um caso que se podia aplicar a Constance Talmadge... Quantas vezes se casou a loira Constance?... já lhe perdemos a conta... também não nos lembramos dos nomes dos seus ex-maridos... Uma vez casou-se com um escocês, que, se a memória não nos atraiçoa, se chamava Allister MacIntosh... Numa das suas outras aventuras matrimoniais foi um grego, de nome arrevirado e exótico, o protagonista... Ultimamente decidiu dar razão às francesas, que num plebiscito realizado pelo «Petit Parisien» concordaram que o melhor marido do mundo é o norte-americano... E por isso, Constance casou-se com um norte-americano, de cujo nome não nos recordamos neste momento...

Norma Talmadge difere muito de sua irmã... Casada há muitos anos com Joseph M. Schenk, presidente e homem todo poderoso da firma «United Artists», a sua vida matrimonial tem decorrido normal, monótona e vulgar como a de qualquer outra filha de Eva sem glória e sem honraria... A não ser que seja verdade o que dizem de Norma e de Gilbert Roland...

Florence Vidor, depois de uma curta união, divorciou-se do grande realizador King Vidor. E pouco tempo depois, ela casou-se com o famoso violinista Jascha Heifetz, e ele reincidiu com Eleanor Boardman...

Já não sucedeu o mesmo com a encantadora francezinha Renée Adorée, que, uma vez divorciada do comerciante William Sherman Gill, preferiu ficar solteira... Renée Adorée tinha iniciado a sua experiência marital com Tom Moore, um actor de cinema, de quem teve de se

divorciar... Parece que não lhe ficou a boca doce!...

O elegante e magnífico actor inglês Clive Brook já há algum tempo que está casado com a sua compatriota e excelente atriz do teatro britânico, Mildred Evelyn. E' um simpático casal que vive em boa harmonia com a sua filhinha Faith no aristocrático bairro de Beverly Hills.

A união de Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jr. foi uma das mais comenta-

das e discutidas de Hollywood. Negou-se por muito tempo que estivessem casados, mas foi confirmada a notícia das suas núpcias secretas. A tenaz oposição que Douglas pai fez a este enlace contribuiu poderosamente para lhe dar grande renome e fama.

Parece que ainda hoje se encontram na lua de mel... Mas não virá por aí um divórcio de sensação?!...

O apolíneo Ralph Forbes, o homem mais parecido com o Príncipe de Gales, que já esteve muito em voga e que hoje se encontra um pouco eclipsado, casou há alguns anos com Ruth Chatterton,



Douglas Fairbanks Jr. e Joan Crawford constituem um dos casais mais felizes de Hollywood. As más línguas começaram, ha pouco, a trabalhar contra a felicidade conjugal de Edmund Lowe e Lilian Tashman, mas nada conseguiram... por enquanto. Marie Prevost já se divorciou de Kenneth Harlan; mas tem andado muito juntos, ultimamente, em Hollywood... Lloyd Hughes, que vemos aqui à esquerda, é felicíssimo com Gloria Hope.

actriz do cinema e do teatro. Ele é inglês e ela norte-americana. O idílio resultou um verdadeiro fracasso, e por isso resolveram separar-se; mas estavam de tal maneira enamorados um do outro, que resolveram casar-se de novo... Até agora não estão arrependidos...

Laura La Plante parece ser muito feliz com o seu marido, o director William Seiter, — que fez dela uma «estrêla» de fama.

A esta mesma categoria de casamentos felizes pertence o de Harold Lloyd com Mildred Davis. Harold é um bom rapaz e que encara a vida por um prisma optimista...

Adolfo Menjou é considerado como um dos mais perfeitos Don Grans do «écran» e o «dandy» mais elegante de Hollywood. Em volta da sua vida privada formou-se uma espécie de lenda... O seu primeiro matrimonio com Kathryn Conn foi um desastre e acabou naturalmente diante de um juiz complacente. Recentemente casou-se em Paris com outra Kathryn — Carver, desta vez, e actriz fotogenica —. A mania das Catrinas?!...

Colleen Moore e Norma Shearer pertencem à categoria das actrizes que se souberam elevar dos mais modestos papeis ao estrelato fulperante e glorioso. Colleen casou-se com John McCormick, administrador da «First National», e Norma uniu-se a Irving Thalberg, um conhecido produtor e realizador.

Esther Ralston escolheu para marido o seu ex-agente de publicidade, George Webb, que é muito mais idolo do que a linda «star», e já era pai de duas raparigas. Nada disto obsteu para que este casamento seja considerado como um dos mais ditos de Hollywood.

O matrimonio modelo em Hollywood, o mais legendariamente feliz de todos, é o de Mary Pickford e Douglas Fairbanks. Ambos tinham sido casados e haviam tido necessidade de se divorciarem por desavenças com os respectivos conjuges. Do seu casamento com Betty Sully, teve Douglas um filho já hoje famoso com o nome de Douglas Fairbanks Jr. Mary, pelo contrario, não teve filhos de nenhum dos seus dois maridos. É uma linda boneca, que além de ser uma das actrizes de mais mérito que até agora nos tem apresentado o cinema, é uma mulherzinha de muito talento e de muito sentido comum. Douglas tem também um caracter excelente e ama a vida tranquila do seu lar. Ambos foram felizes um para o outro, e a vida com os seus consecutivos ensinamentos, identificou-os e uniu-os ainda mais.

Tendo em conta a vida artificial e excitante das «estrêlas» e «astros» do cinema, não é raro que a felicidade conjugal brilhe quasi sempre pela sua ausência... Mas as excepções provam que em Hollywood ainda se pode ser casado e feliz se se possuem estas qualidades que todos os bons maridos e mulheres leais devem possuir em alto grau: uma grande dose de paciência e de tolerancia.

Não se aceitam pedidos de assinaturas que não venham acompanhados das respectivas importâncias

A Inglaterra é hoje o paiz que tem a maior percentagem de instalações sonoras, em relação aos cinemas existentes. Assim, de 4.800 cinemas funcionando na Inglaterra, 4.100 estão equipados com sonoro. Os Estados-Unidos, com uma média de 20.000 cinemas, tem 13.500 instalações. Assim, a percentagem dos Estados-Unidos é 67,5 %, enquanto que a da Inglaterra é de 85,5 %.

Myrna Loy e Conway Tearle são os protagonistas da fita «Vanity Fair», que Chester Franklin está dirigindo para a «Allied». Na mesma fita figuram Barbara Kente, Montagu Love, Lionel Belmore e Mary Forbes.

A «Paramount» vai fazer «The Beachcomber», sob a direcção de William De Mille. Chester Morris e Carole Lombard serão os principais intérpretes.

Estreou-se ha dias em Berlim, no «Mozartsaal», a nova fita de Harry Piel, que se chama «Ein Mann faellt vom Himmel» («Um homem caiu do Ceu»). Maria Solveg é a primeira actriz.

Novo filme de Jean Kiepura

Jean Kiepura, o famoso tenor que vimos a época finda em "A Cidade do Canto", vai interpretar para a "Ufa" uma película, que está sendo preparada, sob a direcção de Anatol Litwak, o realizador de "O Cruzeiro do Amor". Outros intérpretes do novo filme de Kiepura serão Fritz Schultz, Otto Walburg, Magda Schneider, e Ida Wuest.

Está sendo exhibida com algum successo, na América, a nova fita interpretada por Jack Dempsey, «The Lure of the Ring».

Inaugurou-se em Sidney, na Austrália, o primeiro cinema só para exhibição de filmes de actualidades, que são fornecidos pela «M-G-M», «Universal» e Australasian Films». O cinema abre às 10 da manhã e fecha às 11 da noite.

George Schaefer, novo director geral das vendas da «Paramount», logo que tomou conta do seu novo cargo declarou que não haveria modificação alguma na politica de vendas da «Paramount».

Carlyle Robinson, que durante 15 anos foi representante pessoal de Charlie Chaplin em Nova York, pediu a sua demissão.

A «Van Beuren Corp.», que produz os desenhos animados «Fabulas de Esopo», está sincronizando com música e efeitos sonoros, para a «RKO», 12 antigas fitas de Charlie Chaplin.

Rouben Mamoulian, o grande realizador de «Ruas da Cidade», já começou os

preparativos de «Love me Tonight» («Ama-me esta Noite»), com Maurice Chevalier, que ele vai dirigir para a «Paramount». Parece, porém, que só em fins de Fevereiro ou principios de Março serão dadas as primeiras voltas de manivela nas cenas em que aparece Chevalier.

Não será Gilbert Roland mas sim Ramon Pereda quem fará o protagonista ao lado de Lupe Velez na versão espanhola de «The Men in Her Life», para a «Columbia». Gilbert Roland terá nessa fita um importante papel, mas não será o primeiro actor.

O famoso cenarista americano Benjamin Glazer, hoje produtor associado da «Paramount», casou em fins de Janeiro com a actriz Sharon Lynn.

A nossa conhecida Dina Gralla é uma das intérpretes de «Ein Auto und kein Geld» («Um automovel e nenhum dinheiro»), que a «Her-Film» terminou, com Igo Sym e Lieselott Schaak.

A casa alemã «Aafa» vai filmar «Es war einmal ein Walzer» («Era uma vez uma valsa»), cujo cenário está sendo escrito por Billie Wilder. A actriz Martha Eggerth será a protagonista.

A casa italiana «Cines-Pittaluga», para o seu próximo filme «Os amores de Pergolèse», contratou os seguintes actores franceses: Richard Willm (que vimos em «Em Redor dum Inquérito»), Henri Valbel, Robert Pinzani e Simone Vaudry (que vimos em «O Rei da Graxa»).

A fita «Mata-Hari», da «M-G-M», com Greta Garbo e Ramon Novarro, bateu outro record de bilheteira no «Loew's State», de St. Louis. O record anterior estava em poder dum filme de Charlie Chaplin.

A «Prima-Film» vai produzir brevemente «Le Club dos Fauchés» («O Club dos «Tesos»).

Nancy Carroll e seu marido Bolton Mallory estiveram descansando alguns dias em Havana, nos primeiros dias de Fevereiro.

Novas alterações em «firmas americanas»

Acabam de chegar até nós os rumores de que Adolph Zukor pediu a sua demissão de presidente da «Paramount». Fazemos-nos eco deste boato, sob todas as reservas, pois não temos qualquer confirmação de Nova-York sobre o assunto.

De fonte segura sabemos que Sidney R. Kent, que há pouco se demittira da «Paramount», acaba de ser nomeado presidente da «RKO-Radio», em substituição de Hiram Brown.

= O que elas pensam dos seus «partenairs»

Olhando para os amorosos que vemos nos «écrans», quem não terá perguntado a si mesmo o que as atrizes pensam dos seus «partenaires» masculinos?... Depois dos olhares ternos, depois dos longos beijos em «grande plano», das palavras apaixonadas, — os actores voltam à vida real... O que pensam as «estrelas» dos seus «partenaires»?...

Um grande jornal americano mandou um dos seus mais hábeis «reporters» fazer um inquérito a Hollywood. Eis algumas das respostas que arquivou...

— «Os actores de Hollywood são em geral tam aborrecidos que depois de meia-hora passada na sua companhia só pensam numa coisa: ir para minha casa», — disse Mary Astor com a maior convicção.

A bela artista é severa para com os seus camaradas:

— «Só sabem falar de «golf», de álcool, de automóveis, e dêles próprios, — principalmente dêles!... Dos seus sucessos passados, dos seus sucessos futu-

abrem uma porta para deixar passar uma senhora em primeiro lugar!...»

Mary Astor suspira melancolicamente:

— «Naturalmente, os actores estão terrivelmente amimados... Como sabe, em Hollywood ha dez mulheres para cada homem, e êles julgam que andam em terreno conquistado... Oh, não, o céu me salve de me casar com um monstro dêstes!...»

Um pouco desconcertado com esta opinião severa, o jornalista pensou que uma «ingénua» mostraria mais indulgência, e foi bater à porta de Nancy Carroll!

— «Se quere que lhe fale dos vários astros de Hollywood como possíveis maridos, devo dizer-lhe que êles hesitam sempre em fazer um casamento connosco, — pois não queren fazer diminuir o seu prestígio de amorosos nem o número das suas admiradoras... Refletem longamente antes de tomar a mais banal das decisões, como se cada um dos seus gestos tivesse uma importância capital... Em geral teem um terror imenso de tôdas as mulheres, particularmente das jóvens... Estão quási sempre em casa, de-baixo da protecção do papá e da mamã, — e fogem todos envergonhados quando veem umas saias... Pobres de nós!...»

Mona Maris acolheu o jornalista com um sorriso gaiato:

— «Os actores de cinema são encantadores, e sômente possuem uma excentricidade de provincianos. Não teem, contrariamente ao que se pensa, nada de romanêsko, e imaginam que podem dedicar-se ao amor e ao «sport», — e por isso não percebem nada de assuntos amorosos!... Ignoram a boa camaradagem e teem um horror salutar das aventuras. Gostam principalmente de se fazerem notar pelo seu vestuário e pelas compras de casas de uma sumptuosidade escusada para a vida que levamos em Hollywood. Fisicamente, são talvez mais sedutores que os europeus, — mas intelectualmente ficam muito abaixo!...»

Depois desta carga cerrada, o jornalista hesitou se havia de continuar o interrogatório... Foi com apreensões que procurou Joan Crawford, que sorriu indulgentemente e fez as seguintes curiosas declarações:

— «Um actor é um homem com outro qualquer, nem melhor, nem pior, — um homem que gostaria muito mais de ir flanar para a praia e tomar banhos de sol do que passar todo o dia a trabalhar no estúdio...»

Bebe Daniels e Ruth Roland não são



Mary Brian afirma que ha actores sem educação nenhuma

muito severas nas suas críticas... Lembra-se de que estão casadas com actores de cinema... Irene Rich diz que «os astros são verdadeiros homens de negócios, que manobram com uma habilidade de diplomatas quando os seus interesses estão em jogo.»

A doce Mary Brian e June Collyer afirmam que ha actores sem educação nenhuma, mas que tambem conhecem alguns que são verdadeiros «gentlemen».

Mary Duncan respondeu com uma imparcialidade digna de todos os elogios:

— «E' um pouco cómico ver os homens e as mulheres atirarem uns aos outros o estigma do egoísmo e da fatuidade! Os actores são egoístas e só falam de si?... E' certo, mas o que dizer dos seus camaradas femininos?!... A verdade é que as mulheres estão cercadas de tantas adulações que não podem sequer pensar que um homem tambem recebe cumprimentos e merece algumas atenções... As mulheres teem quási sempre um pensamento: explorar em seu beneficio a popularidade de um actor dando toda a publicidade ao sentimento que lhes fez inspirar... Pobres actores, que são tam injustamente criticados!...»



Nancy Carroll diz que os actores de Hollywood hesitam sempre em fazer um casamento com atrizes de cinema

ros, do seu correio, das suas admiradoras, da sua beleza física... Estão tam absorvidos com a sua própria personalidade que nem sequer pensam em nos dizer uma frase amável ou em fazer um cumprimento... E Deus sabe como êles falam!... Sem nenhuma originalidade nem um pouco de cultura... Só folheiam as revistas, — e não leem nenhum livro de interesse... Sim, são os homens mais indelicados do mundo: olhe que nem

A Ford Motor C.º faz uma fita apresentada em português

A «Standard Sound Recording Corp», de Nova York, terminou para a «Ford Motor C.º» uma fita de viagem, em 6 bobinas, da qual foram feitas 3 versões: Inglesa, Espanhola e Portuguesa.

(Continuação)

Não se julgue, porém, que pretendo insinuar que Mamoulian se inspirou naqueles realizadores, para nos apresentar uma miscelânea de processos, de características, de escolas. Se assim fôra, tê-lo-ia feito tam bem, que não deixaria de merecer os mesmos elogios. Mas eu tenho quási a certeza de que Mamoulian não viu ainda «Romanza Sentimental», nem «A Mãe», nem «Matou», nem «O Milhão». E por isso, os pedaços de «Ruas da Cidade» que nos mostram características daqueles realizadores, não são mais do que «o melhor do melhor», não são mais do que verdadeiro Rouben Mamoulian, do que a apresentação deste realizador como possuindo em si só as boas qualidades de muitos. Tanto assim, que todo o filme desliza em corredia fluência, sem um socalço, sem uma sinuosidade, sem qualquer acidente que denuncie a influência directa de qualquer outro cérebro, de qualquer alma que não seja a própria de Mamoulian, e tudo num conjunto equilibradíssimo que faz d'êste filme uma das mais notáveis obras-primas do cinema.

Rouben Mamoulian deu-nos um filme de primorosa técnica — técnica mecânica e técnica intelectual. Por um lado, fez da câmara o que muito bem lhe apeteceu para engrandecer as imagens e cimentar o valor fílmico da obra: colocou-a correndo quási ao nível do solo acompanhando a marcha dos caminhões, deslocou-a em lindíssimos *travelings*, ao mesmo tempo que, panoramicamente, alargava o raio visual; deu-nos angulos em profundidade (deixem-me que traduza assim o *en plongé*) de intensa sugestão, cada um com o seu significado, com a sua intenção. Por outro lado, manejou o simbolismo com inusitada facilidade, como expoente valioso de significação — e aí foi artista delicado, da maior subtilidade até hoje manifestada, tudo em imagens do mais depurado valor fílmico.



C
I
N
E
M
A

Impossível se me torna, em espaço e tempo mais ou menos limitados, dissecar aqui todos os méritos de «Ruas da Cidade», principalmente toda a inteligência posta na realização do filme, por Rouben Mamoulian. Não quero, porém, fechar estas referências a tam primoroso trabalho fonocinematográfico, sem pôr em saliência a colaboração fotográfica, o desempenho de Sylvia Sidney e o registro de sons.

Rouben Mamoulian mostra-se -nos artista completo na composi-



Pelas pernas, parecia a Marlene Dietrich. Mas reparando no rosto, vimos que se trata de Juliette Compton, também da «Paramount»

da página 3)

ção dos seus quadros, e foi tirar da luz todas as possibilidades de cooperação; e, com a ajuda de Lee Garmes, o magnífico fotógrafo de quem vimos ha pouco «Civilizadores» e «Marrocos», não se limitou a imprimir no celuloide os quadros que o cenário descreve, mas utilizou a luz como elemento de capital influência, e burilou-a, e recortou-a, e com ela fez a principal decoração de todos os quadros, nos interiores como nos exteriores, esculpindo figuras no claro-escuro, silhuetando as personagens, alto-relevando os objectos, e, principalmente, criando ambiente, trabalhando a sombra e a semi-obscuridade com desusada pericia. Lee Garmes, que não figurava na minha lista de excelentes fotógrafos, vai agora enfileirar ao lado de Freund, de John Arnold, de William Daniels, de Rittau, de Hoffmann, de Peverell Marley, de Sparkuhl, de Clyde de Vinna e de Toporkoff.

O conjunto interpretativo satisfaz os mais exigentes. Mas permitam-me que não ponha em relevo o magnífico desempenho de William Boyd 2.º, de Guy Kibee, de Paul Lukas, deixem-me que não me refira à interpretação de Cary Cooper, maravilhoso no «Kid», um dos seus melhores papéis, que iguala, se não supera, o legionário Tom, de «Marrocos», para só falar em Sylvia Sidney, que vi pela primeira vez, que todos nós vimos pela primeira vez, mas que nunca mais esquecerei, que nenhum de nós esquecerá mais.

Outra vez se revela o talento vasto de Rouben Mamoulian — até na escolha da protagonista. Ele dirigia o New-York Theatre Guild, um teatro da vanguarda. Sylvia Sidney era uma actriz desse teatro. Mamoulian conhecia bem o seu valor. E quando Clara Bow, a quem estava destinado o papel de Nan, teve de comparecer nos tribunais por casos particulares da sua vida, Rouben Mamoulian apresentou Sylvia Sidney à «Paramount». Não foi preciso fazer *tests*. Ele sabia quem era Sylvia Sidney. E esta jovem actriz, de quem nunca nenhum cinéfilo ouvira falar antes de «Ruas da Cidade», esta garota de rosto tam expressivo mas tam exquisito, onde ha traços de beleza oriental, encarnou de tal forma a figura de Nan, que ficou imediatamente consagrada como uma das maiores artistas do fonocinema. Reparaste, leitor, no olhar misterioso e profundo com que ela enfrenta o seu padrasto, *racketeer* de quem ela se vê obrigada a ser cúmplice? Distinguíste toda a gama complexa das suas expressões, das suas inflexões, alternadamen-



MARLENE DIETRICH

«enfant-gâté» dos estúdios da Marathon Street. Marlene quis renovar o contrato, e a «Paramount» renovou-o, muito embora o primitivo só termine em Abril. Marlene quer vir alguns meses à Europa, e a «Paramount» responde «Okay». Se Marlene quer a lua, a «Paramount» dá-lha, com certeza. É que Marlene fez «Marrocos», «Fatalidade», terminou há pouco «Shangai Express» — e a «Paramount» sabe o que ela vale

te joviais, irritadas, meigas, suplicantes? Não te comoveram aqueles monossilabos e aqueles gestos acariciadores com que recebe, na prisão, a visita de Kid? Não te impressionou a sua íntima aflição, quando pretende, sem o conseguir, impedir Kid de voltar ao Club Villa, e, após a sua saída, pronun ia espaçadamente, em nuanças diversas «Fool!... Fool!... Fool!...»?

De-certo que sim! E de-certo, leitor, passarás agora a ser, como eu, a um tempo cinéfilo e *sidneyfilo*.

E como se tudo não fora já grandioso em «Ruas da Cidade», como se este não fosse um filme destes que nos embriagam



de tanta beleza, destes que, como digo no começo destas linhas, marcam momentos inesquecíveis para aqueles que acompanham o cinema desde a sua infância, ou simplesmente para os que sabem apreciar uma obra essencialmente artística, a «Paramount» tomou este filme pelo *noiseless system*, aperfeiçoamento que os engenheiros da Electrical Research Products (Western Electric) conseguiram, pelo qual se eliminam os ruídos parasitários da margem sonora. Desta forma, a reprodução atinge o máximo de perfectibilidade, os sons, os mais brandos, tomam um aspecto real, que delícia. E nas mãos dum grande realizador como se nos mostra Rouben Mamoulian, tal vantagem é utilizada com mestria, e «Ruas da Cidade» apresenta-nos, paradoxalmente, «silencios que falam», momentos de intenso dinamismo que o cinema silencioso nunca poderia dar.

«Ruas da Cidade» é, em todos os ângulos, sob todos os aspectos pelos quais possamos ou queiramos encará-la, um trabalho verdadeiramente magistral de cinema, é das melhores fitas produzidas em todos os tempos, é, senão o melhor, dos melhores fonofilmes feitos até hoje. E' uma lição de técnica, com os mais diversos ensinamentos. E', caramba, uma maravilha de arte fílmica!

Obrigado, Western Electric! Obrigado, Rouben Mamoulian! Obrigado, Sylviasinha! Obrigado, ó Paramount!

Autor: Dashiell Hammett. Cenaristas: Max Marcín e Oliver H. P. Garrett. Fotógrafo: Lee Garmes. Directores de som: J. A. Goodrich e M. M. Paggi, pelo Western Electric Noiseless System. Realizador: Rouben Mamoulian. Intérpretes: *Kid*, Gary Cooper; *Nan*, Sylvia Sidney; *O chefe Maskal*, Paul Lukas; *McCoy*, William Boyd II; *Pop Colley*, Guy Kibee; *Blackie*, Stanley Fields; *Agnes*, Wynne Gibson; *Pansy*, Betty Sinclair.

Produzida em 1931 pela «Paramount» Programa «Paramount Films S. A.». Estreada no «Trindade» em 16 Fevereiro 1932.

telas francesas, que «O Rei dos Borlistas» tornou também ídolo do nosso público, estava sendo aguardado com interesse na sua nova criação de «O Rei da Graxa». Interesse não desmerecido, porque esta recente produção francesa possui os requisitos de amplo agrado comercial, e, principalmente, porque Georges Milton, que é o *pivot* de todo o filme, se mantém ao nível da sua produção anterior. O que não está à altura de «O Rei dos Borlistas» é o cenário, que lhe é inferior na concepção e na descrição, que nos apresenta as situações de real valor cómico muito concentradas a meio do filme, deixando que as primeiras partes e os últimos metros se inferiorizem por peripécias forçadas, muito convencionais, e mais próprias das comédias burlescas sem responsabilidades, do que duma comédia de envergadura, com a pretensão de suceder a «O Rei dos Borlistas», de que herdou apenas o desempenho de Georges Milton e várias situações felizes.

E' na festa em casa da Marquesa de Crenières que o filme atinge o máximo de resultância cómica. Georges Milton multiplica-se, aparece em todos os quadros, enche todo o *ecran* com a graça da sua figura, da sua máscara e, principalmente, do seu à-vontade na personagem de príncipe-de-trazer-por-casa. E nessa posição equivocada que lhe criaram, e na série de disparates a que se sujeita, Georges Milton faz rir a bom rir a mais sizuda plateia.

A canção «T'en fais pas, Boubole!» é dita com grande poder de expressão, mais do que «Y m'fait mon patelin», com que fecha o filme.

«O Rei do Graxa» não é um trabalho de magnífico cinema, mas é uma fita com as características comerciais suficientes para ser uma boa atracção de bilheteira.

Autores: Pière Colombier e René Pujol. Decorador: Jacques Colombier. Autor musical: Ralph Erwin. Fotógrafo: Bachelet. Realizador:



Pièrre Colombier. Intérpretes: *Boubole*, Georges Milton; *Anatole*, Henri Kerny; *O marido*, Adrien Lamy; *O empresário*, Henry Houry; *O marquês*, Gildes; *Daisy*, Simone Vaudry; *A marquesa*, Suzanne Delvé; *Miss Gloria*, Florence Walton; *a Caixeira*, Cady Gladys.

Produzido em 1931 pela «Pathé-Natan». Programa da Agencia Cinematografica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 15 Fevereiro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

N. do R. — A impossibilidade de ir ver os filmes «O Mundo às Avessas», no «Passos Manuel» e «Águias Modernas», no «Batalha», obrigam-me a dei-

xar de me referir a estes dois filmes. E a abundancia de original transfere para o próximo número a referência a «O Preço dum Beijo». Que me desculpem os respectivos cinemas, as empresas distribuidoras e os nossos leitores em geral. Prometo não tornar a fazer outra...

Ouvimos dizer...

que Castelo Lopes já fechou o contrato pendente com a «United Artists» mas que nele não está incluído «Luzes da Cidade».

que dêse contrato, só agora assinado, fazem parte os filmes «Anjos do Inferno», «Que Viuva!», com Gloria Swanson, «A Fera Amansada», com Douglas Fairbanks e Mary Pickford, e «Para Alcançar a Lua» com Douglas Fairbanks e Bebe Daniels.

que o «Trindade» apresentará em Março a versão sonora de «Ben-Hur», que em Lisboa fez grande sucesso no «São Luiz».

que a-pesar-do capitalista que financiará o negócio, se ter desinteressado do assunto, estão pendentes ainda as negociações com uma casa americana, para a sua representação em Portugal.

que, para êsse fim, voltará a Paris, dentro de algumas semanas, um dos interessados no assunto.

que, a dissolver-se uma sociedade produtora e distribuidora lisboeta, os seus principais dirigentes fundarão outra sociedade idêntica.

que o «São Luiz» apresentará em breve o filme «Tumultos», da «Ufa», com Charles Boyer, versão francesa do filme que em alemão foi interpretado por Emil Jannings.

que a Companhia Cinematográfica de Portugal está aguardando a chegada de várias produções da «Warner-First», que vai distribuir ainda esta época.

que a mesma companhia, pela sua Secção Fox, vai também receber novas produções da «Fox».

que a versão espanhola de «O Presídio» passará no «Batalha» a partir de 1 de Março.

que Castelo Lopes, que esteve alguns dias na Alemanha, adquiriu lá cinco películas de recente produção.

que sempre será exibido esta época em Portugal o famoso filme «O Tenente Sedutor», de Maurice Chevalier.

N. do D. — O nosso estimado colega «Invicta Cine», no seu último número, chegou para nós, como se costuma dizer. Reparou que, na secção «Ouvimos

dizer... de ha dias, dissemos que um dos próximos melhoramentos de "Cinema" (não se digna mencionar o nosso nome, mas como diz que se trata duma simpática revista, a carapuça fica-nos melhor do que o "maillot" de banho no corpo apolineo do Alves Costa) seria o emprêgo de melhor papel, e comentou, e muito bem, estranhando que nós "ouvíssemos dizer" tal coisa, e não soubéssemos ao certo o que por cá vai...

Na preocupação de informar os leitores de que iríamos em breve melhorar a qualidade do nosso papel, esquecemo-nos do cabegalho da secção, e, zás, lá foi o informe sob a rubrica "Ouvimos dizer..."

Fizemos asneira, e cá estamos a dar as mãos à palmatória. E agradecemos a "Invicta Cine" que continue, com o espirito ou, pelo menos, com a correcção desta vez, a apontar os nossos deslises — que nós também os temos...



Dentro e Fora dos Estúdios

Frank Borzage, o famoso realizador de «Hora Suprema», vai dirigir para a «Fox» a fita «Young America». Borzage terminou recentemente «After Tomorrow», com Charles Farrell e Marion Nixon.

Victor Schertzinger está preparando, com a cenarista Alice Duer Miller, a fita «By Candle Light» («A luz da vela») que éle vai dirigir para a «M-G-M», com John Gilbert como protagonista. Além de grande realizador, Victor Schertzinger é um compositor musical, e a éle devemos «A Marcha dos Granadeiros» de «A Parada do Amor» e outros números musicais de sucesso.

O grande realizador americano Jame Cruze vai iniciar em 1 de Abril o seu novo programa de produção, que inclui 12 fitas de grande metragem, alem de 8 westerns para a «James Cruze Productions».

King Vidor já começou, ha poucos dias, a filmagem de «Bird of Paradise» («Ave do Paraiso»), com Dolores Del Rio e Joel McCrea.

William Powell acaba de presentear sua esposa Carole Lombard com dois aparelhos de rádio. Um para o seu quar-

to de vestir e outro para o seu automóvel.

Marie Prevost esteve alguns dias no Hospital de Hollywood, por se ter submetido a rigorosa dieta, a fim-de diminuir de peso. Tambem Leila Hyams, que ha pouco vimos em «Cow-Boy à Força», esteve naquele hospital, por sofrer de infecção intestinal.

Harold Lloyd prepara — a sua nova fita —

Comquanto ainda se ignore o que será o próximo filme de Harold Lloyd, o famoso cómico está já escolhendo os seus colaboradores na interpretação. Para primetra actriz foi escolhida Doris Carnes, uma nova artista de comédias, que esta trabalhando para a "Educational-Mermaid".

Douglas Fairbanks e Mary Pickford aparecem no palco do cinema «United Artists», de Nova-York, no dia 3 de Fevereiro, dia em que se estreou a fita «Arrowsmith». Naquele dia, completou 4 anos o cinema «United Artists», que

inaugurou com a fita «A Caixeirinha», de Mary Pickford.

O realizador americano Frank Capra, que é um dos principais directores trabalhando para a «Columbia» esteve na Europa em principios de Janeiro, e já regressou à América, tendo-se casado em Nova-York com Lucille Reyburn, uma rapariga de Los Angeles. Foram passar a lua de mel a Cuba. Logo que regresse a Hollywood, Frank Capra vai dirigir a fita «Tampico».

As produções «Diamant-Berger» estão começando nos estúdios da «Eclair» dois grandes filmes: «Général à vos ordres» e «L'Enfant du Miracle».

Willy Fritsch, Camilla Horn e Ralph Arthur Roberts serão os principais intérpretes da fita «Der Frechdachs», que Carl Boese vai dirigir para a «Ufa».

Parece que as Actualidades vão ser submetidas à censura, em França, o que até agora não sucedia.

Nos primeiros dias de Março será apresentada em Paris a nova fita de Genina «La Femme en Homme», com Carmen Boni, filme que está sendo montado.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EM PLENO EXITO

O REI DOS BORLISTAS

Super comédia interpretada por GEORGES MILTON (BOUBOULE), que neste filme tem a sua melhor criação

A seguir: JANET GAYNOR e CHARLES FARRELL na deliciosa comédia

ALTA SOCIEDADE

PREÇOS POPULARES
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 5

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do "CINEMA"

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:



TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 25 e 27 de Fev.
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 25 e 27 de Fev.
PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 25 de Fevereiro
BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 25 de Fevereiro
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 27 de Fevereiro

EIS A LISTA

dos filmes que vão ser distribuidos por

Castelo Lopes, L.^{da}

**a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos:**



**Uma Aventura Amorosa
O Misterio da Casa-Forte
Anjos do Inferno
Noites de Veneza
A Fera Amansada
Que Viúva!
O Rei da Banda
Uma Mulher no Paraiso
A Mulher duma Noite
O Rei Diverte-se
A Corrida para a Lua**



**Nos proximos anuncios publicaremos
os elencos destas super-produções**